DAVAR POLISSÊMICA

O Carisma Profético e a Sacralização Política: uma leitura weberiana do fenômeno Hitler

The Prophetic Charisma and Political Sacralization: A Weberian Reading of the Hitler Phenomenon

Victor Brocenschi[129]
Mestrando no PPG em Ciências da Religião da PUC Campinas

Paulo Augusto de Souza Nogueira[130]
Docente no PPG em Ciências da Religião da PUC Campinas

Resumo: Este estudo analisa o fenômeno da dominação carismática a partir da tipologia da dominação legítima de Max Weber, tomando como objeto a figura de Adolf Hitler. Por meio de abordagem qualitativa e análise bibliográfica das obras de Weber e de estudos sobre o Terceiro Reich, investiga-se como a liderança hitlerista incorporou elementos simbólicos e religiosos que conferiram à sua autoridade um caráter quase sagrado. O uso dos tipos ideais weberianos, especialmente o do profeta, orienta a interpretação do carisma político como forma de dominação que mobiliza fé, crença e mitos de redenção. Os resultados indicam que a legitimação de Hitler ultrapassou a racionalidade política, apoiando-se em mecanismos de sacralização e na construção de um imaginário profético. A pesquisa contribui para compreender

Recebido em: 02 dez. 2025 Aprovado em: 11 mar. 2026

[129] Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Graduou-se em Licenciatura em Filosofia pela mesma instituição e em Tecnologia em Gestão de Segurança Privada e Tecnologia em Segurança Pública pelo Centro Universitário Estácio Ribeirão Preto. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/2850998027372709 E-mail: victor.brocenschi@hotmail.com

[130] Doutor em Teologia pela Universidade de Heidelberg (Ruprecht-Karls), fez estudos pós-doutorais em História no NEE/Unicamp. É professor pesquisador da Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Atua como docente e pesquisador na área das Ciências da Religião. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/3200067308515123 Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2781-6942 E-mail: pans777@gmail.com

a intersecção entre religião e política, evidenciando a função religiosa do carisma em regimes totalitários.
Palavras-chave: Max Weber. Dominação carismática. Hitler. Política. Totalitarismo.

Abstract: This study analyzes the phenomenon of charismatic domination based on Max Weber's typology of legitimate domination, focusing on the figure of Adolf Hitler. Through a qualitative approach and bibliographic analysis of Weber's works and studies on the Third Reich, it investigates how Hitler's leadership incorporated symbolic and religious elements that endowed his authority with a quasi-sacred character. The use of Weberian ideal types, especially that of the prophet, guides the interpretation of political charisma as a form of domination that mobilizes faith, belief, and myths of redemption. The results indicate that Hitler's legitimation transcended political rationality, relying on mechanisms of sacralization and the construction of a prophet imaginary. The research contributes to understanding the intersection between religion and politics, highlighting the religious function of charisma in totalitarian regimes.
Keywords: Max Weber. Charismatic Domination. Hitler. Politics. Totalitarianism.

Introdução

A emergência de lideranças carismáticas em contextos de crise constitui um desafio central para a sociologia política e para as Ciências da Religião. A partir da tipologia weberiana de dominação legítima, este artigo investiga como Adolf Hitler e o regime que o legitimou articulou diversos recursos simbólicos, políticos e religiosos que conferiram à sua autoridade um caráter de excepcionalidade e transcendência. Embora múltiplos fatores tenham contribuído para a consolidação de seu poder, o foco deste estudo recai sobre a dimensão religiosa do fenômeno, compreendida como um dos pilares fundamentais da legitimação carismática no Terceiro Reich. A hipótese central é que o poder hitlerista se consolidou também pela combinação de elementos retóricos e de representações que remetem ao religioso, os quais, integrados a mecanismos políticos e sociais, contribuíram para transformar sua liderança em um fenômeno coletivo de mobilização e crença. Para testar essa hipótese, procedeu-se a uma análise bibliográfica crítica das obras de Weber e da historiografia sobre o regime nacional-socialista, buscando identificar os mecanismos concretos pelos quais se produziu e sustentou a dominação

carismática no contexto alemão. A contribuição pretendida é dupla: (1) demonstrar a fecundidade analítica do tipo ideal weberiano para compreender processos de sacralização política; e (2) evidenciar, de modo histórico e empírico, como a dimensão simbólico-religiosa integrou-se à estrutura mais ampla da dominação carismática no Terceiro Reich. Nesse sentido, a exposição que se segue busca articular a base teórica weberiana com a análise histórica do caso hitlerista, conforme descrito na estrutura do trabalho.

A estrutura deste trabalho está organizada em duas partes. Primeiramente, apresentam se os fundamentos teóricos da dominação legítima e do carisma segundo Weber, destacando o conceito de tipo ideal e sua aplicação na análise de fenômenos sociais. Em seguida, analisa-se o modo como o carisma de Hitler foi construído e legitimado socialmente, enfatizando os mecanismos simbólicos, afetivos e religiosos que sustentaram sua autoridade. Por fim, conclui se os limites e as implicações desse tipo de dominação em contextos políticos contemporâneos, especialmente em momentos de crise e desestabilização institucional.

A metodologia adotada é qualitativa, com base em análise bibliográfica de textos clássicos de Weber, especialmente *Economia e Sociedade*, bem como de estudos recentes no campo da sociologia da religião e da história do nacional-socialismo. O uso do tipo ideal weberiano como instrumento de análise permite uma aproximação interpretativa entre a figura do profeta religioso e o líder político carismático, contribuindo para a compreensão das formas de sacralização da autoridade em regimes totalitários, desta maneira este trabalho colabora com o campo das Ciências da Religião.

1. Tipos Ideais e dominação carismática em Max Weber

No interior da sociologia compreensiva de Max Weber, a construção de ferramentas conceituais é condição essencial para a análise dos fenômenos sociais. Entre essas ferramentas, destaca-se o conceito de tipo ideal (*Ideal typus*), que representa uma construção teórica acentuando certos traços característicos de uma realidade, com o objetivo de criar um modelo analítico que oriente a interpretação. Como explica Pals:

> Fazer afirmações válidas sobre classes gerais de coisas é o propósito inteiro da iniciativa. Para clarificar o papel dessas categorias gerais na investigação social, Weber emprega um outro termo alemão – Ideal-Typus. Um tipo ideal é um conceito geral, mas é diferente do que é conhecido como uma generalização na ciência natural (Pals, 2007, p.170).

O conceito de tipo ideal, conforme proposto por Max Weber, não busca descrever fielmente a realidade empírica, mas oferecer uma ferramenta analítica para sua compreensão. Como destaca Pals (2007, p. 170), "a chave é que o tipo ideal fornece uma estrutura na qual todos os casos podem ser postos para análise". Trata-se, portanto, de um modelo construído para acentuar certos traços de um fenômeno social, permitindo interpretá-lo comparativamente a partir de categorias teóricas bem definidas.

Dentro dessa estrutura metodológica, Weber elaborou uma tipologia das formas de dominação legítima, isto é, daquelas formas de exercício do poder que são aceitas como válidas pelos dominados. Essa tipologia compreende três formas principais: a dominação tradicional, que se fundamenta no costume e na autoridade herdada, a dominação legal-racional, baseada em normas impessoais e ordenações burocráticas e por fim, a dominação carismática, que se sustenta na devoção a qualidades extraordinárias de um indivíduo.

> Uma das tipologias ideais mais celebradas de Weber oferece uma ilustração adequada. Em *Economia e sociedade*, ele seleciona três tipos principais de autoridade: a tradicional, a legal e a carismática. Todas expressam o que ele chama "dominação legítima". (Pals, 2007, p. 171)

Todas essas formas de dominação, embora distintas, partilham um elemento fundamental: a aceitação ativa por parte dos dominados. Como Campos (2013, p. 57) observa, relações de poder e dominação são, evidentemente, relações sociais assimétricas, mas sempre pressupõem a disposição ou interesse em obedecer, um mínimo de vontade de submissão.

Dentre as três formas de dominação, a carismática é a mais instável, porém também a mais revolucionária. Para Weber (1991, p. 159), o carisma é definido como uma qualidade atribuída a um indivíduo "em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extra cotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar, e, portanto, como 'líder'". Essa forma de autoridade não se estabelece por legalidade ou tradição, mas por uma crença subjetiva nos dons excepcionais do líder, o que exige reconhecimento constante.

A aplicação dessa concepção se evidencia especialmente em contextos de democracia de massas. Weber observa que esses contextos criam condições propícias para o surgimento de líderes capazes de mobilizar as emoções e a devoção das massas, podendo tanto consolidar regimes democráticos quanto abrir espaço para ditaduras fundamentadas na exploração emocional do público. Ele distingue tipos de liderança: o demagogo, que manipula emoções

sem compromisso ético, e o líder ideológico, cuja autoridade se apoia em uma causa ou doutrina, mas ainda não constitui carisma genuíno. O verdadeiro líder carismático não surge automaticamente; ele conquista seguidores por meio de organização, instrumentos de mobilização e credibilidade pessoal, evidenciando uma autoridade que se aproxima funcionalmente de formas religiosas (Schweitzer, 1974, p. 120).

Essa autoridade depende essencialmente do reconhecimento e da adesão dos seguidores. Sem esse acolhimento, a pretensão do líder à legitimidade tende a fracassar. O reconhecimento envolve não apenas a crença nos dons excepcionais do líder, mas também a disposição das massas em responder emocionalmente à sua liderança e apoiar seus objetivos. Schweitzer (1974) sugere que, em democracia de massas, o líder carismático recruta e organiza seus seguidores, inspirando devoção, o que indica uma dimensão quase religiosa de sua autoridade. Nesse cenário, a aceitação da missão atribuída ao líder tende a ser percebida como um dever pelos seguidores, consolidando o poder carismático de forma dinâmica e dependente do vínculo emocional e ideológico entre líder e massas.

> Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante 'provas'. Mas, neste caso, não deduz seu direito da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o dever daqueles aos quais se dirige sua missão (Weber, 1999, p. 324)

Trata-se, do mesmo modo, de uma relação profundamente relacional e performativa, que só existe enquanto houver reciprocidade simbólica entre líder e liderados. O poder carismático não é algo fixo ou intrínseco ao líder, ele se concretiza na interação contínua, na aceitação e na resposta emocional dos seguidores. Gomes Filho (2019) ressalta que a importância não reside na natureza do carisma em si, mas em seus efeitos práticos, ou seja, na capacidade do líder de mobilizar, organizar e inspirar devoção, transformando crença e admiração em ação concreta. Essa perspectiva evidencia que o carisma funciona como uma autoridade quase religiosa, em que a legitimação depende da percepção de missão, da fé nas qualidades excepcionais do líder e da constante demonstração de competência e compromisso, consolidando, portanto, um vínculo duradouro e funcional entre líder e liderados.

> Para Weber, ao contrário de boa parte dos estudiosos do assunto, a importância não deve ser dada à natureza do

> carisma em si, mas de sua dominação e seus efeitos. Partindo de um ponto de vista mais sociológico e histórico do que filosófico, Weber viu na dominação carismática uma chave para compreender esses fenômenos sem necessariamente se deter na substância, ou elemento, que faz de uma determinada pessoa líder, em contraponto a seus sequazes. Sendo assim, o foco de análise passou a ser não a natureza elementar do carisma, mas sua existência enquanto relação entre dominador e dominado. (Gomes filho, 2019, p.122)

Desta forma o carisma deve ser compreendido menos como uma qualidade intrínseca do indivíduo e mais como um processo social de reconhecimento, dependente da percepção coletiva de qualidades extraordinárias. Segundo Hachtmann (2019), essa dinâmica se intensifica em contextos de crise, incerteza ou desordem, quando as formas tradicionais de autoridade se mostram insuficientes. Essa dinâmica carismática se manifesta de modo paradigmático na figura do profeta, o qual, segundo Weber (1991), possui carisma na medida em que acredita ser o único apto a realizar determinada missão de caráter transcendente. Nessa perspectiva, o líder carismático exerce autoridade não com base em normas estabelecidas, mas na crença dos seguidores de que ele detém uma missão excepcional e transcendente, capaz de oferecer soluções extraordinárias às situações enfrentadas pelo grupo. Conforme observa Gomes Filho:

> Já o profeta, possui o carisma na missão (de que acredita ser o único capaz de realizar, e estar devidamente capacitado para isto) de anunciar uma nova ordem social, ou religiosa, na qual sua profecia vai, normalmente, de encontro com os dogmas tradicionalmente estabelecidos. (Gomes filho, 2019, p.123)

O carisma profético implica, por conseguinte, uma ruptura com a ordem vigente e a proposição de um novo horizonte normativo, frequentemente envolto em simbolismo religioso ou mitológico, que desafia diretamente as estruturas tradicionais e seus dogmas estabelecidos. Essa qualidade revolucionária do carisma é enfatizada por Weber (1991), ao caracterizá-lo como uma força histórica dotada de capacidade criadora e destruidora, capaz de reorganizar os valores de uma coletividade. Trata-se de uma potência transformadora que, ao subverter o que é consagrado, oferece uma nova orientação de mundo, legitimada pela percepção de excepcionalidade daquele que a encarna. Conforme Hachtmann (2019), esse processo se dá

especialmente em contextos de crise ou incerteza, quando a autoridade tradicional não consegue mais orientar o coletivo.

> O carisma, em suas formas de manifestação supremas, rompe todas as regras de toda a tradição e mesmo inverte todos os conceitos de santidade. Em vez da piedade diante dos costumes antiquíssimos e por isso sagrados, exige o carisma a sujeição íntima ao nunca visto, absolutamente singular, e, portanto, divino. Neste sentido puramente empírico e não-valorativo, é o carisma, de fato, o poder revolucionário especificamente criador da história (Weber, 1999, p. 328)

Em sua formulação teórica, Weber (1991) destaca que o carisma se impõe não pela valorização do que é tradicionalmente considerado sagrado ou comum, mas justamente pelo ineditismo de sua proposta. Ele exige dos seguidores uma entrega interior a algo completamente novo, singular e extraordinário, percebido como superior às convenções estabelecidas. Nesse sentido, o carisma pode ser entendido como uma transformação com ponto de partida íntimo, que, nascida de miséria ou entusiasmo, significa uma modificação da direção da consciência e das ações, oferecendo uma orientação totalmente nova de todas as atitudes diante das formas de vida e do mundo em geral (Weber, 1991, p.161). Em suas formas mais elevadas, o carisma rompe todas as regras da tradição e até inverte os conceitos estabelecidos de santidade, exigindo não a piedade diante de costumes antigos, mas a sujeição íntima ao nunca visto, ao absolutamente singular e, de forma análoga, ao que se percebe como divino. Dessa maneira, em sentido empírico e não-valorativo, o carisma revela-se como um poder revolucionário, especificamente criador da história. Essa dimensão desafia o que é consagrado pela repetição e pelo costume, promovendo uma adesão afetiva e espiritual ao que é percebido como único e transformador.

> [...] o carisma pode ser uma transformação com ponto de partida íntimo, a qual, nascida de miséria ou entusiasmo, significa uma modificação da direção da consciência e das ações, com orientação totalmente nova de todas as atitudes diante de todas as formas de vida e diante do 'mundo', em geral. (Weber, 1991, p.161).

Esse caráter revolucionário do carisma é o que permite compreender como determinadas figuras políticas, em momentos de ruptura social, conseguem catalisar aspirações coletivas e transformar-se em líderes

messiânicos. A legitimação da autoridade carismática não se apoia em estruturas racionais, mas em afetos, símbolos, narrativas e crenças compartilhadas. Weber compreende o carisma como uma chave interpretativa para fenômenos sociais que se destacam por romper com a rotina e a estabilidade do cotidiano. Trata-se de uma forma de autoridade que não se limita ao âmbito religioso, mas que pode emergir em diversas esferas sociais sempre que se contrapõe à ordem estabelecida e introduz elementos de excepcionalidade e transformação.

> Foi Max Weber que, na década entre 1910 e 1920, criou um tipo ideal sociológico através do conceito de carisma que nos permite entender e explicar fenômenos sociais, caracterizados geralmente e de forma alguma restrita apenas à vida religiosa em sua oposição ao cotidiano, ordenado e duradouro. (Campos, 2013, p.53)

Por fim, é preciso destacar que a dominação carismática, embora intensa, tende à instabilidade. Sua permanência exige uma transformação estrutural que Weber denominou rotinização do carisma. Nesse processo, a autoridade originalmente fundada no reconhecimento pessoal e na missão é institucionalizada, convertendo-se em formas tradicionais ou legais. Essa transição será fundamental para compreender, no próximo tópico, como a liderança de Adolf Hitler inicialmente baseada em um carisma revolucionário e redentor foi gradualmente racionalizada pelo aparato burocrático do Terceiro Reich.

2. O Carisma Profético como Arquétipo de Sacralização Política

Na tipologia weberiana, o profeta representa a forma mais intensa da dominação carismática: sua autoridade nasce de um chamado pessoal e se afirmar pela crença coletiva em sua missão. Mais do que uma figura religiosa, o profeta é o fundador simbólico de uma nova ordem, aquele que transforma a crise em promessa de salvação, Campos (2013).

Quando esse modelo é transposto para o campo político, revela-se a estrutura religiosa da liderança moderna. A fé em um destino coletivo substitui a fé no transcendente, o apelo à regeneração nacional toma o lugar da salvação espiritual. É nesse processo de secularização do profetismo que a política passa a operar com linguagens e afetos de natureza religiosa, e o líder é percebido como mediador entre o povo e uma promessa de renovação histórica.

Emilio Gentile (2001) denomina esse fenômeno sacralização da política: a apropriação, por regimes modernos, de símbolos, ritos e mitos

tradicionalmente associados à religião. O Estado, a nação e o chefe são investidos de uma aura sagrada, e a obediência assume a forma de fé. O líder carismático converte-se, assim, em profeta secular, cuja missão consiste em regenerar a comunidade e instaurar uma nova ordem histórica e moral.

O carisma profético, portanto, oferece o arquétipo da autoridade sacralizada um modelo que une fé, mito e poder em torno de uma narrativa de redenção coletiva. Essa chave interpretativa permite compreender como a liderança de Adolf Hitler mobilizou elementos simbólicos e afetivos próprios da religião como vocação, culto e missão para revestir de sentido transcendente sua atuação política. Tal dimensão não esgota as causas da ascensão do nacional-socialismo, mas constitui um dos pilares simbólicos que contribuíram para a consolidação de seu poder, ao conferir à obediência e ao pertencimento nacional um caráter quase devocional. O resultado foi a formação de uma fé política, na qual o poder adquiriu contornos de sacralidade e a nação passou a ser experimentada como objeto de crença coletiva.

3.O Carisma de Adolf Hitler

O carisma de Adolf Hitler não pode ser compreendido apenas como uma habilidade retórica ou um magnetismo pessoal comum, tratava-se de um fenômeno com dimensões quase espirituais. Segundo Laurence Rees, os seguidores de líderes carismáticos não estão em busca apenas de soluções práticas, como "redução de impostos ou melhorias no sistema de saúde", mas de "objetivos mais amplos, quase espirituais de redenção e salvação" (Rees, 2013, p. 8). Nesse sentido, Hitler emergiu como o arquétipo desse tipo de liderança, apresentando-se como um redentor do povo alemão em crise. Richard J. Evans reforça essa perspectiva ao afirmar que a nova vontade nacional que se formava após a Primeira Guerra Mundial não se expressava por meio de uma elite tradicional, mas sim por um “líder carismático que veio do nada”, um homem comum que se elevava como símbolo de identidade nacional (Evans, 2011, p. 474). Essa aura de excepcionalidade e transcendência, ancorada em uma narrativa de superação e sacrifício, permitiu que Hitler fosse percebido não apenas como político, mas como uma personificação viva da regeneração alemã.

A oratória de Hitler não era apenas uma ferramenta política era a expressão máxima de seu carisma. Em seus discursos, ele encarnava o papel de um guia emocional, canalizando as angústias coletivas do pós-guerra e devolvendo-as em forma de promessa, redenção e destino. Mais do que qualquer plano concreto, era essa performance verbal que cativava as massas. Seus comícios, meticulosamente ensaiados, transformavam-se em rituais

seculares, onde o líder surgia como uma figura quase messiânica. Laurence Rees observa que a "sinceridade emocional" percebida em sua fala era essencial para sua atração carismática (Rees, 2013, p. 39). Richard J. Evans complementa essa ideia ao destacar que os discursos de Hitler possuíam um ritmo crescente, linguagem acessível e gestos dramáticos, em uma entrega que evocava estruturas simbólicas religiosas como sofrimento, sacrifício e ressurreição. Com isso, o Führer não apenas discursava ele operava um verdadeiro culto performático em torno de sua figura.

> Usava linguagem simples e direta, que gente comum podia entender, frases curtas, poderosas, slogans emocionantes. [...] Conforme o testemunho de muitas pessoas que escutaram seus primeiros discursos, ele parecia falar diretamente do coração e expressar os mais profundos temores e desejos delas. Hitler também exalava cada vez mais autoconfiança, agressividade, crença no triunfo último de seu partido, até mesmo uma noção de destino. (Evans, 2011, p. 202)

Para além de sua habilidade oratória, Hitler foi cuidadosamente moldado e se moldou como um herói nacional, alguém que emergia do povo para guiar a nação por um caminho de redenção. Essa construção simbólica era essencial à sua autoridade carismática. Como observa Laurence Rees, heroísmo e carisma são conceitos entrelaçados: para Max Weber, o "heroísmo pessoal" era um dos indicadores centrais do "carisma autêntico" (Rees, 2013, p. 53). Nesse sentido, Hitler frequentemente invocava sua participação na Primeira Guerra Mundial como um passado heroico, evocando a figura de um combatente que conhecia o sofrimento das trincheiras. Essa narrativa era reforçada pela origem social modesta do líder, que se apresentava como um "homem do povo", um símbolo da ascensão meritocrática de um "cabo" que, por força de sua missão e destino, havia se tornado o salvador da pátria. Como escreve Richard J. Evans, Hitler simbolizava "uma vontade nacional ressurgente" que se expressava "pela soberania [...] de um líder carismático que veio do nada" (Evans, 2011, p. 474). Assim, ele se posicionava não apenas como herói, mas também como profeta alguém que, segundo Weber, não basta que seja "um herói", mas deve projetar uma visão de mundo "baseada no insight da natureza da realidade" (Rees, 2013, p. 71). Hitler cumpria esse papel com maestria ao prometer não só a restauração da Alemanha, mas uma transformação espiritual de seu povo. Esse processo foi fortalecido pelo crescente culto à sua personalidade dentro do Partido Nazista, que, influenciado pelo precedente italiano, ajudou a convencer o próprio Hitler de

que ele era, e não algum outro personagem por vir, o líder predestinado a conduzir a Alemanha rumo a um renascimento nacional (Evans, 2011, p. 214).

O carisma de Hitler não era uma qualidade isolada, mas sim um fenômeno profundamente enraizado na relação emocional que ele estabelecia com seus seguidores. Laurence Rees destaca que, no início dos anos 1930, o componente-chave dessa atração carismática era a noção de conexão direta, Hitler falava explicitamente das necessidades e angústias do povo, e eles reagiam com gratidão e esperança (Rees, 2013, p. 95). Essa conexão se manifestava em um sentimento coletivo de pertencimento a uma causa maior, o que reforçava a lealdade à sua figura. A eleição de Hitler como chanceler em 1933 foi vista por seus partidários não apenas como uma vitória política, mas como uma confirmação da legitimidade de seu carisma, um momento emblemático que validava sua liderança mesmo diante de crises futuras (Rees, 2013, p. 123). Richard J. Evans corrobora essa percepção, observando que o "dinamismo" de Hitler e seu apelo retórico foram essenciais para converter o suporte popular em poder político efetivo, agindo no momento certo para capturar a vontade nacional (Evans, 2011, p. 472). Logo, o carisma de Hitler dependia tanto de sua habilidade pessoal quanto da adesão das massas, pois, sem o apoio popular, ele jamais teria alcançado o domínio absoluto do Terceiro Reich (Rees, 2013, p. 127).

Após sua ascensão, o carisma de Hitler foi institucionalizado dentro da estrutura do Terceiro Reich, onde sua posição como líder supremo conferia a ele um poder pessoal absoluto, acima das leis e das normas tradicionais. Richard J. Evans destaca que Hitler era visto como uma figura carismática cujos subordinados não respondiam a nenhuma autoridade além dele, fortalecendo um sistema de lealdade direta que alimentava o culto à sua personalidade (Evans, 2012, p. 437). Essa centralização do poder e a adulação diária de seus seguidores próximos não só mantinham seu prestígio pessoal, como também funcionavam como um mecanismo para legitimar sua autoridade política. O culto à liderança e símbolos, como a saudação "Heil Hitler!", reforçavam a presença constante do líder, mesmo na ausência física, criando um ambiente onde o carisma era vivenciado coletivamente e se tornava indissociável do Estado nacional-socialista (Evans, 2011, p. 241; 245). Dessa forma, o carisma deixou de ser apenas uma qualidade pessoal para se tornar um pilar fundamental da estrutura de poder do regime.

Embora o carisma de Hitler tenha sido um elemento central para sua ascensão e consolidação no poder, ele não permaneceu imune ao desgaste provocado pela prolongada guerra e pelas crescentes dificuldades enfrentadas pelo regime. Conforme a situação militar da Alemanha piorava, sobretudo após

a derrota em Stalingrado, a aura quase mística que rodeava sua figura começou a enfraquecer significativamente. Relatos de contemporâneos, como Albert Speer, indicam que o respeito e a reverência que antes eram quase automáticos passaram a ceder lugar à indiferença e até ao desdém entre seus seguidores mais próximos (Evans, 2012, p. 587). Além disso, a população alemã, antes entusiasmada com as promessas de glória e redenção, passou a demonstrar desânimo, e até a fazer piadas que ridicularizavam o líder, sinal claro de que o apelo emocional e simbólico de Hitler estava diminuindo (Evans, 2012, p. 349). Esse desgaste do carisma não apenas minou a coesão interna do Partido Nazista, mas também afetou a moral da nação, deixando clara a fragilidade da construção carismática diante da realidade concreta das derrotas militares e do sofrimento popular.

O carisma de Adolf Hitler exemplifica a concepção weberiana de liderança carismática, na qual o líder é visto como um "herói" e "profeta" que detém uma força pessoal capaz de mobilizar massas além das instituições burocráticas tradicionais. Hitler não apenas personificou esse tipo ideal ao prometer a redenção e a transformação espiritual da Alemanha, mas também materializou essa promessa através de sua habilidade oratória e do culto à personalidade que construiu em torno de si. No entanto, conforme Weber apontava, o carisma "não conhece qualquer legitimidade fora a que flui de sua força pessoal", e essa força está constantemente em prova. A trajetória do carisma hitlerista ilustra essa fragilidade: seu poder dependia da percepção coletiva de sua eficácia e da continuidade de seu sucesso. Com o desgaste provocado pela guerra, a crise de Stalingrado e o enfraquecimento da confiança popular, o carisma de Hitler entrou em declínio, revelando os limites do poder carismático diante da realidade social e histórica. Dessa maneira, o caso de Hitler reforça a compreensão weberiana de que o carisma é uma forma volátil de autoridade, potente, porém intrinsecamente instável e dependente do contexto.

Conclusão

A presente investigação permitiu compreender, com base na tipologia da dominação legítima desenvolvida por Max Weber, como a figura de Adolf Hitler se constituiu como um exemplo emblemático da dominação carismática aplicada ao campo político. Longe de se tratar apenas de um líder hábil ou de um estrategista eficaz, Hitler foi percebido por amplas camadas da população alemã como um indivíduo dotado de qualidades excepcionais e investido de uma missão redentora. Esse reconhecimento, ancorado em afetos, símbolos e narrativas de regeneração nacional, configurou-se como elemento central para

a legitimação de sua autoridade não apenas racional ou tradicional, mas profundamente enraizada em uma experiência subjetiva e coletiva de sacralização.

A análise revelou que a autoridade carismática, conforme concebida por Weber, não reside essencialmente nas características individuais do líder, mas na relação simbólica que se estabelece entre este e seus seguidores, especialmente em contextos de desorientação social, colapso institucional e crise de sentido. A emergência do carisma hitlerista deve ser compreendida como resposta a um vácuo de legitimidade e a um profundo desejo coletivo de pertencimento, ordem e transcendência. Seus discursos, gestos e símbolos foram cuidadosamente performatizados como um culto secular, conferindo-lhe uma aura profética e messiânica que operava para além da racionalidade burocrática e da lógica jurídica do Estado.

Contudo, a mesma lógica que sustenta o carisma carrega em si sua instabilidade constitutiva. O carisma, sendo por natureza extra cotidiano e revolucionário, não se perpetua sem constante reafirmação de eficácia. A trajetória de Hitler evidencia esse aspecto com clareza sua autoridade declinou à medida que as promessas se mostraram inviáveis, os fracassos militares se acumularam e a realidade contradisse a narrativa simbólica que o sustentava. Assim, a dominação carismática, ainda que poderosa, revela-se profundamente volátil, efêmera e dependente de contextos sociais muito específicos.

Esse estudo, ao iluminar o caráter religioso-simbólico da dominação carismática em regimes totalitários, contribui não apenas para uma compreensão histórica do caso do Terceiro Reich, mas oferece ferramentas analíticas para pensar fenômenos políticos contemporâneos. Discutem-se, nesse sentido, os limites e as implicações da dominação carismática em democracias tensionadas por crises econômicas, polarização ideológica e descrença nas instituições. Em tais contextos, líderes que personificam promessas de salvação nacional ainda que seculares podem mobilizar afetos coletivos de maneira análoga aos líderes religiosos, deslocando o debate racional e pluralista por formas de adesão incondicional e culto à personalidade.

Portanto, compreender a natureza, os mecanismos e os efeitos do carisma político tornam-se uma tarefa das Ciências da Religião e da Sociologia política, sobretudo diante do avanço global de lideranças que se apresentam como portadoras de verdades absolutas e soluções redentoras. O caso de Hitler permanece como advertência histórica e sociológica do poder transformador e destrutivo que o carisma pode exercer quando aliado à manipulação simbólica e à concentração totalitária de poder.

Referências

CAMPOS, André Magnelli. *Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber*. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 353–373, nov. 2013.

GENTILE, Emilio. *Le religioni della politica: fra democrazie e totalitarismi*. Bari: Laterza, 2001.

EVANS, Richard J. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editorial Planeta, 2011.

EVANS, Richard J. *O Terceiro Reich em guerra*. São Paulo: Editorial Planeta, 2012.

EVANS, Richard J. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editorial Planeta, 2012.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *Carisma e dominação carismática*: perspectivas teórico metodológicas do conceito weberiano de carisma e sua efetivação histórica nos estudos de religião. Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia, Anápolis, v. 10, n. 2, p. 154 170, jul./dez. 2019.

HACHTMANN, Rüdiger. *Charismatische Herrschaft und der Nationalsozialismus*. Docupedia-Zeitgeschichte, Potsdam, v. 1.0, 02 abr. 2019. DOI: 10.14765/zzf.dok-1351.

PALS, Daniel L. *Nove teorias da religião*. Tradução de Sérgio L. P. de Figueiredo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

REES, Laurence. *O carisma de Adolf Hitler*: o homem que conduziu milhões ao abismo. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Crítica, 2013.

SCHWEITZER, Arthur. *Theory and Political Charisma*. Comparative Studies in Society and History, v. 16, n. 2, p. 119-149, 1974.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 1991. v. 1.

WEBER, Max. *Economia e sociedade:* fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: Editora da UnB, 2009. v. 1.